

Tradução Literária homem VS máquina: um ensaio sobre a tradução online

Literary translation humam VS machine: an essay about
online translation

"Ai dos feitores de traduções literárias que, ao traduzir cada palavra, enfraquecem o sentido! Este é bem o caso em que se pode dizer que a letra mata e o espírito vivifica." - Voltaire.

Fabrcio Leal Bernardo*

RESUMO: Em um mundo cujas barreiras culturais estão se tornando cada vez mais tnuas, a tradução tem obtido papel de destaque, especialmente aquela que se faz rapidamente, no 'clique' de um 'mouse'. Neste ensaio, o objetivo é dar especial atenção ao gênero literário e à ferramenta *online* de tradução Google Tradutor, largamente utilizada seja por leigos ou estudiosos, e mostrar evidências da imprescindibilidade do atilamento humano numa tradução que se quer bem feita. Este estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica de autores proeminentes como Delille et al. (1986), John Milton (1993) e J.C. Catford (1980), com ênfase neste último e nas Categorias de Tradução propostas por ele em seu livro "Uma Teoria Linguística da Tradução". Ressaltando, ainda, a questão polissêmica da tradução literária, almejamos lançar uma luz sobre o ofício do tradutor e sobre o caráter falível da tradução *online*. A metodologia consistiu em realizar uma análise comparativa entre o texto literário Moll Flanders, de Daniel Defoe (1660-1731), no original em Inglês, sua tradução *online* dada pelo GT para o Português e uma tradução para o Português do Brasil executada por Antônio Alves Cury (Ed. Abril, 1995), identificando e analisando os graus de equivalência textual segundo as seguintes categorias: volume, níveis e ordem (Catford, 1980). Os resultados permitiram conhecer e elucidar as diferenças entre a tradução *online* e aquela feita por uma pessoa, em especial no que tange a traduzir textos

* Bolsista FAPESP - Iniciação Científica.

semanticamente complexos, resultados da criatividade e da alta capacidade de expressão humana.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária. Tradução humana. Google Tradutor. Moll Flanders.

ABSTRACT: In a world in which cultural barriers are becoming increasingly tenuous, the translation has achieved a prominent role, especially that which is done quickly, by the 'click' of a 'mouse'. This essay's main goal is to give special attention to the literary genre and to the online translation tool Google Translator, widely used either by laymen or scholars, and to show evidence of the indispensability of human wit in a translation meant to be well done. This study is based on a literary review of prominent authors such as Delille et al. (1986), John Milton (1993) and J.C. Catford (1980), with emphasis on the latter and on the Translation categories proposed by him in his book "A Theory language of Translation". Also highlighting the matter of polysemous literary translation, we aim to shed light on the translator's craft and the fallible nature of online translation. To better illustrate these principles in practice, the methodology was to perform a comparative analysis involving the original literary text Moll Flanders by Daniel Defoe (1660-1731) in English, its online translation given by GT and a translation into Brazilian Portuguese performed by Antonio Alves Cury (Ed. Abril, 1995), identifying and analyzing the degrees of textual equivalence according to the following categories: volume, levels and order (Catford, 1980). The results have led to the knowledge and elucidation of the differences between the online translation and one done by a person, especially when it comes to translating semantically complex texts as a result of creativity and high capacity of human expression.

KEYWORDS: Literary translation. Human translation. Google Translator. Moll Flanders.

Introdução

A tradução tem sido, há séculos, assunto de interesse entre algumas das mentes mais brilhantes do mundo no cenário dos estudos linguísticos. O ato de se traduzir possui parâmetros e procedimentos técnicos estabelecidos que forneceram e ainda fornecem elementos norteadores ao ofício tradutório. Para além disso, a tradução engendra, no que diz respeito ao léxico, uma relação íntima entre significados, equivalentes e diferenças semânticas entre a língua de origem (LO) e a língua de destino (LD). Catford estipula 'Categorias de

Tradução' em seu livro "Uma teoria linguística da tradução". Ele concebe a tradução como ato bidirecional cujas partes envolvidas nem sempre apresentam elementos linguísticos simétricos, e também como processo, que ele julga unidirecional, partindo de uma língua-fonte (LF) para a língua-meta (LM)¹: "[...] substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LM)" (1980, p.22); ele fala em Categorias de tradução, segundo (1) volume de texto traduzido, (2) níveis (gramática, léxico) e (3) ordem, subdivididas, respectivamente, em: plena ou parcial, total ou restrita, limitada ou não limitada. Com relação ao volume, o autor esclarece que a tradução plena refere-se àquela em que todo o texto da LO é substituído por outro da LD; tradução parcial àquela em que parte do texto da LO não se traduz. Em relação aos níveis, será considerada total aquela que abarcar, pelo menos, os elementos da gramática e do léxico - Catford considera a tradução total, ou seja, em todos os níveis linguísticos, algo improvável de se alcançar (1980, p. 24). Será restrita se somente abarcar um dos níveis fonológico, grafológico, gramatical ou lexical. Ela pode seguir a ordem estrutural da LO com seus morfemas, palavras, frases ou orações inteiras, quando é limitada, ou deixar que os equivalentes transitem e desviem da estrutura original da LO, na não limitada (1980, p.22 a 28).

O autor aborda, também, o fenômeno da transferência, em que valores formais e contextuais ou, como diz o autor, 'substâncias de situação', não encontram equivalentes na LD e são, portanto, transportados diretamente da LO para a LD (1980, p. 47).

John Dryden, homem de letras extremamente influente no século XVII e cuja metade das obras consiste em traduções, diz que há três tipos de tradução: a metáfrase, a paráfrase ou 'tradução com latitude', e a imitação. A tradução de um autor linha por linha, palavra por palavra, chama-a metáfrase,

¹ Catford utiliza a terminologia Língua Fonte (LF) para Língua de Origem e Língua Meta (LM) para Língua de Destino (LD). Foi mantida, neste trecho, a terminologia do referido autor.

e sobre ela Milton afirma: “É quase impossível, ao mesmo tempo, traduzir literalmente e bem” (1993, p.27). Na paráfrase não há o seguimento estrito ao texto de origem, podendo, inclusive, ampliar-se o sentido das palavras; nunca modificado. Pela imitação, a atitude do tradutor é livre; ele pode omitir, ampliar e modificar os itens lexicais, a gramática e até o sentido de um trecho, buscando nele sua ideia geral. O grupo de Göttingen, formado por estudiosos da universidade homônima, na Alemanha, pensa a tradução numa visão mais abrangente, como uma transferência cultural de uma nação a outra, de modo a favorecer a adequação dos elementos da cultura de partida à cultura receptora (MILTON, 1993, p.22). Esta visão da tradução como ‘diálogo entre culturas’ tem dominado o pensamento contemporâneo acerca do ato tradutório, mormente no que se refere à modalidade literária.

Numa tradução feita mecanicamente, há limitação no que se refere à ordem dos elementos textuais, ou morfemas apresentados no texto da LO. A tradução é feita de palavra a palavra, de morfema a morfema, ignorando efeitos de sentido que são produzidos quando se faz a tradução para a LD por grupos, ou frases e orações; esta categoria, chamada por J.C Catford de não limitada, permite que os elementos de equivalência transitem pelo texto, dando ao tradutor mais flexibilidade ao lidar com as minúcias de significado tão particulares a uma determinada cultura e que devem transparecer na execução de uma boa tradução, ou, de uma tradução de “ordem alta” (1980, p.27).

A Tradução Literária

Os formalistas russos entendiam a Literatura como um sistema dinâmico marcado pelo eterno embate entre forças conservadoras e inovadoras, entre obras canonizadas e outras ainda não consagradas. No campo literário, onde habitam traços tão delicados como a imaginação e a cultura das gentes, traduzir é uma tarefa que tange o senso e o trânsito transcultural daquele que

a executa. Numa tradução técnica, por exemplo, é mister respeitar uma correspondência mais literal dos termos para que se obtenha o mais possível de semelhança ao original; não há espaço para a criatividade do tradutor, salvo quando faltam à L.O os termos necessários ao bom entendimento da mensagem. É o que nos diz Peter Newmark, em seu artigo *A New Theory of Translation*: “[...] since good non-literary (or specialized, or technical, or general) translations should be as accurate as is possible, the translation is likely to closely resemble the original, unless the latter is deficient in its veracity and its style.” (2007, p. 106)². Já numa tradução literária, poder-se-ia falar de um equacionamento desse processo citado por Catford, em cuja equação figuram, além dos fatores supracitados, a cultura de partida e a cultura-alvo, bem como seus respectivos leitores. Os tipos de tradução, naturalmente, constituem distinções relativas aos seus processos. Goethe acreditava numa tradução em vários níveis, condicionando-a imprescindivelmente ao leitor do texto traduzido e seus traços culturais mais característicos, considerando aspectos como a faixa etária do leitor-alvo e o grau de maturidade linguística da “cultura-alvo”. Tomemos como exemplo um estudante jovem ou mesmo um representante de uma cultura mais rude ou primitiva; para este, a tradução prosaica, simples, como Goethe a denominava, seria a mais adequada. Porém, um público mais avançado exigiria uma tradução moldada no respeito ao original, atendendo a padrões autóctones. Sir. John Denham, poeta inglês do período do Commonwealth (séc. XVII), possuía uma visão inovadora e ousada a respeito da tradução, contrária a um caráter ‘servil’ no processo de se traduzir de forma literal; para ele, este caminho aniquilaria o ‘caráter vital’ da obra a ser traduzida. Friedrich Schleiermacher, filósofo e tradutor dos ‘Diálogos de Platão’, propôs dois termos programáticos à tradução: “Ou o tradutor deixa o escritor o mais possível em sossego e move o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o

² “Uma vez que as traduções não literárias (ou especializadas, ou técnicas ou gerais) deveriam ser tão precisas quanto possível, é provável que a tradução assemelhe-se ao original, a não ser que este seja deficiente em sua veracidade e estilo.” Tradução do próprio autor.

mais possível em sossego e move o escritor ao seu encontro” (apud DELILLE et al., p. 8). O escritor, político e diplomata italiano Carlo Dossi (1849-1910) afirmou, certa feita, que “as traduções das obras ou são fiéis e só podem ser ruins, ou são boas e só podem ser infiéis”³. John Milton, em “O Poder da Tradução”, defende na obra original o traço peculiar, muito próprio, e toda transposição para outra língua seria um desvio do sentido primeiro: “A obra original é inviolável, e qualquer tradução não pode ser mais do que uma sombra.” (1993, p. 147). Guardadas as devidas opiniões a respeito da ‘inviolabilidade’ da obra original, John Milton acredita ser possível, pela tradução de obras originais, “reconstruir” novos tipos de literatura por meio de novos significados e das novas escolhas do léxico e, a partir daí, erigir novos sentidos e uma nova poética, embora isto nem sempre ocorra.

Aqui parece importante o papel humano no ofício da tradução. Para Dellille et al, considerando-se, justamente, o caráter polissêmico da obra literária, a equivalência nunca será absolutamente direta e formal, senão “aproximativa” (1986, p.12). Tendo em mente que a tradução liga dois polos, duas Línguas e duas culturas, cada qual com suas especificidades linguísticas e histórico-sociais, o tradutor, a fim de se obter um bom grau de equivalência na obra traduzida, deve incorrer na

[...] apreensão profunda da matriz, a sua apreciação e valorização adequadas, a percepção de cada unidade linguística no seu valor denotativo, conotativo e pragmático, nas suas relações co-textuais, intertextuais e contextuais, em suma, a compreensão do significado total da obra no aspecto linguístico-literário e histórico-cultural (1986, p.11).

Delille et al. menciona também o fato de ocorrerem, muito frequentemente, casos de dissimilação, ou seja, certo nível de estranheza do receptor na língua de destino. Algum grau de dissimilação, e talvez até um alto grau dela, pode marcar, mesmo, o tipo de tradução que se faz, pensando-se no

³ DOSSI, Carlo. **Note Azzure**. 1912. Disponível em <<http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/carlo-dossi/20>>. Acesso em: 23 de maio, 2014.

momento histórico em que ocorre, a quem serve e a quem ela se destina. Não raro, a dissimilação é um recurso útil à renovação de ideias que permeiam o ambiente da produção de uma literatura original, como bem o salienta John Milton algumas linhas acima e o próprio Schleiermacher, quando admite uma mobilidade dos elementos linguísticos numa tradução que se deseja 'boa'.

Retomando, portanto, as categorias de tradução elencadas por Catford, uma boa tradução literária, seja ela plena ou parcial, deverá ser total e não limitada. Tendo em consideração que a capacidade de criar, o poder imaginativo e a habilidade de elaborar e transcender significados são características exclusivamente humanas, uma tradução feita por qualquer dispositivo, *online* ou não, não pode oferecer tais características se não pela intervenção do indivíduo pensante.

TRADUÇÃO HUMANA E TRADUÇÃO *ONLINE*: MOLL FLANDERS

A respeito da tradução feita por computadores Erwin Theodor diria, em "Tradução: Ofício e Arte", que "deve ter-se presente que as tais máquinas jamais foram criadas para traduzir obras literárias, assim como não há robôs projetados para escrever os dramas, romances e poemas do futuro" (1976, p.70).

Almejando salientar como se opera a tradução literária a fim de atingir seus objetivos primordiais, ou seja, a compreensão da obra em seus aspectos culturais e elementos sutis, carregados de emoção ou ironia levantados pelo autor, e como a ferramenta tradutora Google Tradutor se comporta diante de tais particularidades, submetem-se, abaixo, fragmentos da obra "The

Fortunes & Misfortunes of the Famous Moll Flanders &c.”, de Daniel Defoe, no seu original em Inglês⁴ ao dispositivo online de tradução.

Primeiramente serão exibidos os trechos no original em Inglês, seguidos pelo texto traduzido para o Português pelo tradutor digital; em seguida será exibido o mesmo trecho traduzido por Antônio Alves Cury, na edição da obra em Português do Brasil lançada pela Editora Abril, em 1981, e então faremos uma análise do processo tradutório segundo as teorias contempladas anteriormente. As partes em itálico serão posteriormente analisadas.

ANÁLISE E COMPARAÇÃO DOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS

1 – Epígrafe

1.1 -

“The Fortunes & Misfortunes of the Famous Moll Flanders &c.

Who was Born in Newgate, and during a Life of continu’d Variety for Threescore Years, besides her Childhood, was Twelve Year a Whore, five times a Wife (whereof once to her own Brother), Twelve Year a Thief, Eight Year a Transported Felon in Virginia, at last grew Rich, liv’d Honest, and dies a Penitent. Written from her own Memorandums...”

1.2 -

"As fortunas e infortúnios da famosa Moll Flanders & c.

⁴ Disponível em formato *Ebook* graças ao Projeto Gutenberg em <http://manybooks.net/titles/defoedanetext95mollf11.html>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

Que nasceu em Newgate, e durante uma vida de Variety continu'd para sessenta anos, além de sua infância, foi de doze anos uma meretriz, cinco vezes por esposa (da qual uma vez para seu próprio irmão), de doze anos a Thief, de oito anos de um transportado Felon na Virgínia, finalmente cresceu rico, Honest liv'd e morre um penitente. Escrito a partir de seus próprios memorandos... "

1.3 -

"Venturas e Desventuras da Famosa MOLL FLANDERS & Cia.

Que viu a luz nas prisões de Newgate e que, ao longo de uma vida rica em vicissitudes, a qual durou três vezes vinte anos, sem levar em conta sua infância, foi durante doze anos prostituta, durante doze anos ladra, casou-se cinco vezes (uma das quais com seu próprio irmão), foi deportada oito anos na Virgínia e que, enfim, fez fortuna, viveu muito honestamente e morreu arrependida; vida contada segundo suas próprias memórias."

Logo na Epígrafe percebemos, na primeira linha do trecho traduzido, a menção à prisão de Newgate, em Londres, edifício histórico e local de penúria para muitos prisioneiros na antiga Londres. Newgate provavelmente é um nome bem familiar à maioria das pessoas na Grã-Bretanha, faz parte de sua herança cultural e ecoa no inconsciente coletivo; no entanto, poucos brasileiros, seguramente, já ouviram falar dela. Ocorre, aí, o fenômeno da transferência de significado apontada por Catford, em que "não há transporte para a LM de valores estabelecidos por relações formais ou contextuais na LF" (1980, p.47). A inclusão da palavra "prisão" na tradução de Alves Cury – ausente na versão original do Inglês - faz-se um recurso necessário à apreensão do significado pelo destinatário do texto.

[...] in Newgate (1.1) → [...] em Newgate (1.2).

[...] nas prisões de Newgate (1.3).

Aproxima-se, segundo Schleiermacher, o leitor do contexto Britânico. Fosse a tradução diferente e a força expressiva da tradução poderia estar comprometida. Embora algum grau de dissimilação possa ocorrer pela presença deste nome estrangeiro, trata-se de um signo cujo equivalente não se poderia encontrar na Língua Portuguesa, dado o seu traço tão peculiar.

Alguns elementos do léxico não foram reconhecidos pelo GT e ficaram sem tradução: "*continu'd, Variety, Felon*", ainda que, isoladamente, a ferramenta forneça a tradução das duas últimas: "Variedade, Criminoso". Conforme a teoria de John Dryden, neste caso, a tradução de Alves Cury deu-se por paráfrase, ou tradução com latitude, considerando o texto como um 'bloco' portador de sentido. O diálogo entre duas culturas distintas foi salientado anteriormente neste estudo por Delille et al. (1986) e Milton (1993), e muito bem realizado por Alves Cury.

A tradução do excerto acima realizada por Alves Cury, segundo os parâmetros apontados por Catford, deu-se de forma parcial, uma vez que nem todos os elementos do texto de origem foram traduzidos. A tradução *online* trata o texto da mesma forma, embora dificilmente possa-se pensar que deixou termos por traduzir com algum propósito. Trata-se de uma tradução restrita aquela feita pelo tradutor Google, pois não há, como na total, feita pelo tradutor humano, substituição de material gramatical equivalente, e limitada quanto à ordem, pois esta, na tradução de Alves Cury, não segue estritamente a da LO.

Analisando mais detalhadamente este trecho, o tradutor *online* faz escolhas estranhas em relação à equivalência formal:

[...] was Twelve Year a Whore (1.1) → [...] foi de doze anos uma meretriz (1.2).

[...] foi durante doze anos prostituta (1.3).

Embora figure na versão original a preposição “during”, a tradução do GT a substitui pela preposição “de”. A tradução de Alves Cury a mantém pelo uso do equivalente da LD “durante”. Já o artigo indefinido no Inglês “a” é mantido na tradução da ferramenta online, enquanto na de A. Cury é omitido.

Observa-se que na tradução *online* há limitação à tradução palavra por palavra, enquanto na versão de Alves Cury existe uma dinâmica entre as palavras para se preservar o sentido, ou seja, fez-se necessária certa liberdade de escolha em nível léxico e gramatical a fim de que não se perca o sentido primeiro transmitido pelo texto original.

2 – Capítulo II

2.1 -

“[...] but as he had not received much from them, and had in the little time he lived acquired no great matters, so my circumstances were not great [...]” (1995:29)

2.2 -

"[...] Mas como ele não tinha recebido muito com eles, e teve no pouco tempo que viveu adquirido sem grandes questões, por isso as minhas circunstâncias não eram grandes [...]."

2.3 -

"Mas acontece que ele recebeu muito pouco da família, e não conseguiu nenhuma fortuna durante o curto tempo em que viveu. Minha situação não era lá grande coisa [...]" (1995, p. 68).

Neste outro excerto a tradução *online* é plena quanto ao volume do texto, já que todos os elementos textuais da LO foram traduzidos para a LD, restrita, pois alguns elementos da gramática e do léxico não obtiveram equivalentes diretos ("had not received much *from* them" → "não tinha recebido muito *com* eles"), e limitada, já que feita palavra a palavra, sem considerar o texto como conjunto mais amplo. Vê-se que "minhas circunstâncias não eram ótimas", como possível tradução, dificilmente traria a carga de coloquialidade que aquela feita por A. Alves Cury ("minha situação não era lá grande coisa") traz, considerando expressões idiomáticas próprias do contexto da Língua Portuguesa do Brasil, de modo a trazer o texto para perto do leitor local e, conseqüentemente, valorizar o nível de expressão desta obra e, particularmente, deste trecho.

Resultados e Conclusão

O que faz do gênero literário aquilo que ele é e o que deve, mesmo, ser, é o uso da imaginação e da criatividade expressas pelo uso da Língua, buscando a sublimação da ordem ordinária das ideias e do pensamento. Pela

submissão do texto literário à tradução *online* da ferramenta digital Google Tradutor, obteve-se, além de um alto grau de dissimilação, uma tradução rasa, limitada, feita palavra por palavra, não considerando o aspecto e o contexto cultural nos quais o léxico é utilizado. O tradutor mecânico é eficaz, na maioria dos casos, em 'parear' equivalentes da LO para a LD, porém, mostra-se incapaz de interpretar situações carregadas de requintes semânticos. A tradução de um fragmento ou 'bloco' textual pelo viés não humano não se mostrou satisfatória à apreensão dos significados mais abrangentes presentes numa obra literária.

Ainda que por uma pequena amostragem, como foi a deste ensaio, foram elucidados alguns aspectos relevantes quanto à tradução que se faz online, quer se utilize da ferramenta Google ou de outra disponível na *Web 2.0*.

Referências

CATFORD, John Cunnison. *Uma Teoria linguística da Tradução*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas: Cultrix, 1980.

DEFOE, Daniel. *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders &C.*, EBook # 370, 1995, available at: <<http://manybooks.net/titles/defoedanetext95mollf11.html>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

DEFOE, Daniel. *Moll Flanders*. Tradução de Antônio Alves Cury. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

DELILLE, Karl Heinz et al. *Problemas da Tradução Literária*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford, Pergamon, 1981, 200 p.

NEWMARK, Peter. *A New Theory of Translation*. Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis. S 13, 2007 – BRNO Studies in English 33.

ROCHA, Daniel da Silva (et. al.). *A tradução da grande obra literária: depoimentos*. São Paulo: Álamo, 1982.

THEODOR, Erwin. *Tradução: Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix, 1976.

Agradecimentos

Dr.^a Regiani Aparecida Santos Zacarias – Departamento de Letras Modernas, UNESP FCL / Assis.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.